

Marcelo Reis Soares

XINTOÍSMO E CRISTIANISMO
diferenças, convergências e proposições



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL

SUMÁRIO

Introdução, 11

1. Identidade e elementos constitutivos do Xintoísmo, 23

- 1.1 A designação e concepção de Deus, 25
 - 1.1.1 O conto mitológico sobre os deuses no Xinto, 26
 - 1.1.2 O Debate sobre o conceito de Deus, 29
- 1.2 A antropologia religiosa, 32
 - 1.2.1 A natureza humana no xinto, 32
 - 1.2.2 O conceito de alma no xinto, 34
 - 1.2.3 Culto aos Ancestrais, 35
 - 1.2.4 Ordenação e trabalhos ministeriais no Xinto, 36
- 1.3 A questão da salvação, 39
 - 1.3.1 Conceito de paz, 40
 - 1.3.2 Aspectos na vivência da salvação, 42
 - 1.3.3 O foco anismista na salvação do mundo, 50
- 1.4 A vida após a morte, 55
- 1.5 A prática religiosa, 56
 - 1.5.1 Moralidade e ética, 57
 - 1.5.2 Ambientes sagrados, 60
 - 1.5.3 Tipos de Xinto, 64
 - 1.5.4 Relacionamento com outras religiões, 67

2. Convergências e fatores diferenciais entre Cristianismo e Xintoísmo, 71

- 2.1 Convergências e diferenças na concepção de Deus, 72
 - 2.1.1 Contrapontos entre criação na Bíblia e mitologia japonesa, 73

- 2.1.2 O Ser de Deus e as conceituações no japonês, 78
 - 2.1.3 A ação e a presença Divina no mundo, 81
 - 2.1.4 A Pessoa de Jesus, 85
 - 2.1.5 A Pessoa do Espírito Santo, 87
 - 2.2 Convergências e diferenças antropológicas, 90
 - 2.2.1 A natureza humana na Bíblia, 90
 - 2.2.2 O conceito de alma na Bíblia, 92
 - 2.2.3 Culto aos Ancestrais, 93
 - 2.3 Convergências e diferenças na soteriologia, 95
 - 2.3.1 Paz como Shalom, 95
 - 2.3.2 Pecado na Bíblia, 97
 - 2.3.3 Purificação na Bíblia, 99
 - 2.4 Convergências e diferenças na escatologia, 101
 - 2.4.1 O Estado dos Mortos, 101
 - 2.4.2 Escatologia no Xinto, 103
 - 2.5 Convergências e diferenças na vivência religiosa, 106
 - 2.5.1 Ética em uma religião sem código ético, 106
 - 2.5.2 O lugar sagrado - rituais, festivais e o lar, 108
 - 2.5.3 Um panorama da vivência Xintoísta, 110
- 3. *Uma nova prática missiológica para o Japão*, 115
 - 3.1 Fundamentos missiológicos em contexto da inculturação e da contextualização crítica para a missão no Japão em perspectiva do xintoísmo, 116
 - 3.1.1 Análise e comparação das metodologias de inculturação e contextualização crítica, 118
 - 3.1.2 Uma proposta da inculturação no contexto xinto, 121
 - 3.1.3 Uma proposta da contextualização crítica no contexto xinto, 131
 - 3.1.4 Análise de uma nova metodologia de missão para um problema Cristão no Japão, 142

- 3.2 Propostas para uma igreja Japonesa com “rosto” Xinto, 144
 - 3.2.1 Propostas para os primeiros contatos explícitos de evangelização, 144
 - 3.2.2 Propostas para uma igreja que valoriza a cultura xinto, 148
- 3.3 Propostas para uma sociedade Japonesa de uma diferença que faz diferença, 151
 - 3.3.1 Situações locais para a nova comunidade, 152

Considerações finais, 159

Referências bibliográficas, 167

INTRODUÇÃO

O foco do livro se encontra no trabalho da missão cristã no Japão, buscando oportunizar um sucesso missiológico no país. Contudo, é necessário reconhecer que na Ásia, no geral, o cristianismo não foi bem sucedido ao longo da história. Thompson (2008, p. 3), entende que o cristianismo na Ásia é mais antigo que o europeu. Muito pelo fato da terra santa ser parte do continente asiático e como a mensagem foi espalhada rapidamente para o oeste e para o leste, alcançando a Índia no primeiro século e a China no sexto. Logo, o cristianismo sempre existiu ao lado de outras grandes tradições religiosas mundiais.

Para Thompson (2008, p. 9), a história de uma teologia asiática especificamente contextual é amplamente protestante. Isso não é para minimizar a importância da Igreja Católica Romana, mas no pontificado de Pio XII ainda havia uma suspeita de tudo o que pudesse ser chamado de modernismo. Depois de João XXIII e do Concílio Vaticano II, a atmosfera se aliviou, mas o caráter internacional da Igreja, e especificamente de sua educação teológica, fez com que as oportunidades para uma teologia verdadeiramente contextual fossem mais limitadas. Entre as igrejas protestantes, no entanto, o ritmo crescente de independência efetiva da dominação missionária ocidental criou novas oportunidades para o desenvolvimento de teologias indígenas.

Thompson (2008, p. 11 e 12) continua explicando que a política e econômica na Ásia compartilhava algumas características da América Latina e da África, mas era em outros aspectos notavelmente diferente. A característica comum

mais óbvia era a pobreza, que afetava até oitenta por cento da população em alguns países, como Bangladesh e Filipinas. Quando é lembrado que a Ásia tem quase sessenta por cento da população mundial, o significado relativo e absoluto da pobreza é claro. Com exceção parcial do Japão, mesmo as histórias de sucesso econômico da Ásia, como a Coréia do Sul e Cingapura, mostraram-se vulneráveis a desacelerações cíclicas. A Ásia também compartilhou experiências coloniais e pós-coloniais no sentido de que mesmo aqueles países que nunca fizeram parte politicamente dos impérios ocidentais foram dominados pela influência econômica do Ocidente. Assim, outra grande realidade eram os pobres.

Outra característica marcante para Thompson (2008, p. 13) era a presença de outras religiões mundiais. Enquanto na África e na América Latina pode-se afirmar que a maioria das pessoas é cristã, na Ásia os cristãos são a proporção mais baixa da população em qualquer aspecto. Somente nas Filipinas os cristãos constituem a maioria da população; e apenas lá e na Coréia há uma presença protestante significativa. Embora o cristianismo esteja presente na Ásia desde o início da era cristã e tenha uma longa história na Índia e na China, é o cristianismo plantado por missionários ocidentais que dominaram o século vinte. Além disso, de várias maneiras, outras religiões mundiais asiáticas, como o hinduísmo e o budismo, passaram por uma renovação como resultado do confronto com um cristianismo missionário. A independência política de muitas ex-colônias ocidentais também levou a uma mudança no status do cristianismo em muitos países. Os cristãos asiáticos têm, portanto, buscado entender todas as religiões mundiais como sendo de alguma forma veículos da auto-revelação de Deus: a esse respeito, eles fizeram perguntas semelhantes às feitas pelos missionários ocidentais.

O autor (2008, p. 19) alega a necessidade de uma teologia contextual, uma teologia que fale com o “sotaque local”. Toda teologia é contextual, e os aspectos particulares do contexto asiático são importantes. O cenário multirreligioso da teologia asiática é especialmente significativo no mundo contemporâneo e tem muito a oferecer ao contexto cada vez mais multirreligioso da Europa contemporânea. Não pela primeira vez, portanto, a Europa terá algo a aprender com a Ásia.

Koyama (1992, p. 15) indica como realizar uma teologia asiática através da vivência:

Nós vemos pessoas. Comemos com eles. Vivemos com eles. Nós falamos com eles. Discutimos com eles. Sentimos que somos responsáveis por eles. As pessoas nos veem. Eles comem com a gente. Eles moram conosco. Eles falam conosco. Eles discutem conosco. Eles são responsáveis por nós. Estamos em um trânsito congestionado de mão dupla. Esse tráfego congestionado de mão dupla é a experiência-fonte para a teologia. Não no tráfego de mão única (isso seria um monólogo teológico), mas no tráfego de mão dupla, podemos nos envolver no entendimento cristão de Deus e no entendimento do homem. É lá que Deus fala conosco. Teologia, por definição, não é um monólogo.¹

Para Fabella, Lee e Suh (1992, p. 1) A Ásia é tradicionalmente o lar das grandes religiões e espiritualidades. Quase parece incongruente e anacrônico que os asiáticos estejam

1 Tradução própria

em busca de uma espiritualidade asiática. Mas é exatamente isso que alguns cristãos asiáticos começaram a fazer. Eles partiram em busca de uma espiritualidade que seja fiel à sua herança cristã comum e ao mesmo tempo enraizada em suas próprias culturas e tradições religiosas, uma espiritualidade que extrai riqueza e significado do passado antigo, mas também aborda a realidade contemporânea da Ásia.

Neste contexto geral que a Ásia proporciona para a missão cristã, busca analisar com mais cuidado aquilo que o Japão tem a oferecer como oportunidades de missão. Olhando especificamente para o xinto, resgatando esta religião para compreender os primórdios do japonês.

O Japão é a maior nação não evangelizada que está completamente aberta aos missionários (WORLD OPERATION, 2021). No entanto, devido a dificuldades espirituais, socio-culturais, linguísticas e financeiras, expor o evangelho ao japonês é um processo longo e difícil de adaptação. A situação se agrava quando cristãos locais, assim como missionários estrangeiros, não buscam sensibilidade na cultura nipônica, deixando nessa cultura, invés de um Jesus amoroso que se preocupa com o ser humano e a vida, um Jesus colonial, sem diálogos, desonroso ou até mesmo lascivo nos parâmetros orientais.

Na mente de alguns cristãos, nunca buscou deixar esse tipo de imagem, mas é o risco que se corre quando não se compreende a cultura local na hora da transmissão do evangelho, “há um abismo entre o contexto histórico e cultural da Bíblia e a vida contemporânea” (HIEBERT, 1999, p. 14).

O problema da evangelização no Japão ocorre tanto para católicos como para protestantes, apontando o problema do cristianismo em geral. A situação se agrava por uma competição denominacional, não sendo perceptível uma solução para um problema em comum. Mullins (1998, p. 28) evidencia

a problemática alegando que a competição e o conflito entre várias igrejas missionárias denominacionais levaram muitos japoneses a considerar os cristãos como grupos sectários, uma vez que cada um afirma ser exclusivamente legítimo.

Pergunta-se a possibilidade de encontrar equivalentes entre o xinto e o cristianismo para uma solução na redução do testemunho da fé no meio japonês. Clarificando o que é o xintoísmo, seja hoje ou o primordial, as conexões entre as duas religiões tem de diferente ou semelhante e possibilidades de vivência da fé após uma evangelização implícita entre xintoísmo e cristianismo.

Para a solução do problema, a contextualização crítica, defendida por Paul Hiebert, e a inculturação, defendida por Agenor Brighenti, se coloca entre a mensagem bíblica bem interpretada e respeitada através das metodologias exegéticas e a cultura compreendida através das ciências humanas que discriminam, comportamentos, produtos, pensamentos, atitudes e valores de uma sociedade. Propondo-se como solução para missionários que atuam sem uma reflexão de suas ações.

Percebe-se através dessa reflexão, dentro da cosmovisão Japonesa, encontros de correspondentes bíblicos que trazem a compreensão de que Deus, de alguma forma, tem se apresentado aos japoneses também. Supõe-se que o Japão pode ser colocado como “o país do Oriente mais apropriado ao cristianismo” quando considerado os valores trabalhados. Conceitos japoneses de verdade, honra, respeito entre outros encontram correspondência na mensagem bíblica. Contudo, essa face “cristã” do Japão e do xintoísmo não tem sido percebida facilmente pelas denominações já estabelecidas no país oriental. Abre-se um espaço para as metodologias citadas serem experimentadas na cultura xinto e dialogadas entre si.

É o xintoísmo² a religião escolhida para dialogar com o cristianismo. O xinto³ é a religião que dá base a toda cultura e cosmovisão do Japão. Nenhuma metodologia missionária pode ser completa de fato se, no mínimo, não considerar o xinto, por mais que a maioria dos japoneses atualmente não tenham essa religião com devoção mas como cultura (SOARES e DIAS, 2018, p. 53). Considerar a influência do budismo e do confucionismo no país também é importante. Primeiro, por o xintoísmo assimilar essas religiões ao longo da história e, segundo, por impactar a cultura. Além disso, não se pode esquecer do secularismo que impacta o Japão atual. Mas por foco de pesquisa, o trabalho analisa o xintoísmo por ser a matriz principal da visão de mundo japonesa. A pesquisa pode até comunicar-se com budismo, confucionismo e secularismo de forma breve, mas o foco está no xinto que convive com filosofias vindas destes campos e não se separa delas.

Ao refletir sobre métodos de alcance ao xinto, Fukuda (2012, l. 2937) menciona que o sobrenaturalismo e os grupos japoneses levam este povo a fazer certas perguntas. Em primeiro lugar, “Quem nos dá o poder de dar vida?” Em segundo lugar, “Quem nos protege?” E terceiro, “A quem ou a que pertencemos?” A quarta pergunta está escondida sob a superfície do pragmatismo, que é: “Como posso alcançar a eternidade?” O autor propõe que uma etno eclesiologia eficaz precisa responder a essas questões japonesas. Heißwolf

2 O xintoísmo é a religião dos santuários, grandes e pequenos santuários que se distinguem dos templos budistas por sua arquitetura. Esses santuários, cerca de 100.000 ao todo, são administrados por cerca de 20.000 sacerdotes xintoístas, que são imediatamente reconhecíveis por seus trajes tradicionais. Os santuários acomodam uma infinidade de divindades. Embora essas divindades difiram de um santuário para outro, elas claramente pertencem à mesma categoria (chamada kami) (BREEN e TEEUWEN, 2010, p. 1).

3 A pesquisa adota os termos xinto e xintoísmo como semelhantes.

(2018, l. 430-431), por sua vez, diz que em um entendimento da realidade, uma cosmovisão animista, como a Xintoísta, está mais próxima da Bíblia do que as cosmovisões cristãs seculares. Mostrando assim, que há sementes do Xintoísmo que clamam uma representação do próprio Cristo.

Com essa consciência em mente, Heißwolf (2018, l. 3309-3311) alerta o missionário que tem consciência de diferentes cosmovisões de outras culturas, a levar a um encontro conceitual com a cosmovisão dessa cultura respectiva, com a cosmovisão da Bíblia e, por último, mas não menos importante, com a cosmovisão de sua própria cultura. Na missão tais culturas entram em diálogo através das palavras ou das vivências. O cuidado deve ser ao considerar a própria cultura para que ela não se sobreponha ao evangelho ou a cultura local, cometendo assim, uma atitude etnocêntrica. Segundo Hiebert (1999, p. 97), o etnocentrismo é uma reação emocional normal que as pessoas têm quando se confrontam com outras culturas pela primeira vez. Elas têm a sensação de que sua cultura é civilizada e que as outras são primitivas e atrasadas. Essa reação tem a ver com as atitudes, não com entendimentos.

Logo, compreender o xinto, é essencial para a tarefa missionária. Entender como é recebido alguns pensamentos do cristianismo além de analisar como são transmitidos a mente xinto. Porém, antes de pensar na transmissão do evangelho, pensa-se no xinto em si. As ideias xintoístas assim como suas crenças e maneiras de viver fazem parte da humanidade criada por Deus segundo Sua imagem. Se empenhar em estudar o xinto de forma profunda não se limita em entender a cosmovisão japonesa, mas é uma forma de respeitar e amar aquele que, para o cristianismo, é criatura de Deus.

Contudo, apesar da atitude requerida pelo cristianismo, os atuais Cristãos no Japão ainda enfrentam várias dificulda-

des na evangelização, Fukuda (2012, l. 22) revela que mesmo depois de mais de quatrocentos anos de esforço missionário⁴ no Japão, os cristãos ainda representam apenas 0,7 por cento da população japonesa. O autor justifica que essa falta de eficácia é a falta de contextualização. O cristianismo japonês é como um “vaso de planta” que foi transportado sem ter sido transplantado. Os japoneses vêem o Cristianismo como uma religião ocidental com a qual não podem se relacionar. No intelecto japonês, o cristianismo ocidentalizado é parecido com um pequeno gueto de classe média que é quase irrelevante para a vida da maioria das pessoas.

O xinto primário não tem algo canônico, ensinamentos ou princípios, ou seja, não há valores religiosos absolutos (FUKUDA, 2021, l. 802). O Xinto não tem um fundador, escrituras sagradas, dogmas e interpretações autênticas, na verdade, não se define se o xinto é religião, ou uma ética ou estilo de vida (l. 807). Ao longo de sua história, o xinto foi várias vezes modificado e recolheu características de outras religiões para formar a cultura japonesa de hoje. Porém, o cristianismo acabou sendo rejeitado por conta da resistência da religião ao sincretismo e a restauração Meiji no século XIX.

Tudo isso, torna difícil a comparação entre as duas religiões. O xinto se comporta de maneira orgânica, dificultando comparações, quando o cristianismo está mais institucionalizado e tem parâmetros mais específicos para a fé, como um livro sagrado e um fundador. Contudo, toda religião tem seus pensamentos básicos de como a humanidade surgiu, de quem é a divindade, como devemos viver ou, até mesmo, como se dá a salvação do mal. Começando pelas perguntas básicas de

4 Entre envio de missionários, tentativas de colonização, estratégias de sobrevivência cristã no país entre outros.

cada religião, busca-se comparações entre os entendimentos cristãos e xintoístas.

Uma proposta de diálogo interreligioso acontece durante cinco etapas, começando por entender quem é a divindade, entendendo a natureza humana, passando pela compreensão da salvação, analisando o entendimento escatológico e terminando com as maneiras vividas da religião. O primeiro momento é a compreensão do que o xintoísmo tem para falar sobre esses tópicos para então dialogar com as ideias do cristianismo, em busca de convergências e diferenças.

A religião xinto na atualidade pode ter características culturais e não devocionais, contudo é ela que oferece a cosmovisão do japonês atual, o indivíduo interpreta o mundo e a realidade com aquilo que o xintoísmo ofereceu no passado. Logo, não se pode ficar só no campo do diálogo entre as duas religiões porque aquilo que é exposto na vivência xinto tem por base o xintoísmo mas é complementado com a cultura japonesa. Uma metodologia missiológica para o Japão contemporâneo necessita do diálogo prévio como uma evangelização implícita, mas se direciona a vivência atual como evangelização explícita.

O objetivo é analisar metodologias missiológicas para uma aproximação do evangelho à cultura Japonesa através do xinto. Discuta-se as ferramentas utilizadas para a tradução da mensagem do evangelho, como xinto em perspectiva, buscando ser relevante, sem agredir a cultura ou distorcer a mensagem cristã.

São escolhidas duas metodologias diferentes para resolver um problema em comum, a falta do crescimento do cristianismo no Japão. As metodologias escolhidas, a inculturação de uma raiz católica e a contextualização, de uma raiz mais protestante, parecem convergir em ideias parecidas, como a necessidade de uma evangelização implícita para depois

uma ação mais explícita. As duas ideias veem a necessidade de validar a cultura em análise e se preocupam com problemas reais que aquela cultura passa. Apesar das diferenças, é a oportunidade de uma aprender com a outra para resolver esse problema em comum do cristianismo no único país influenciado pelo xintoísmo.

Ao comparar as ferramentas, utiliza-se delas para oferecer soluções primeiro à igreja no Japão, com ideias para uma vivência mais significativa para a cultura japonesa que reconhece Cristo. Em seguida, a pesquisa se propõe em observar os problemas atuais da sociedade japonesa, dos quais a cosmovisão xinto atual não conseguiu superar e o cristianismo pode sugerir um resgate aos mais nobres valores e ações do xinto que encontram eco na Bíblia e tradição cristã. Oferecendo assim, interpretações, ressignificados e ações concretas para a vivência de uma igreja evangelizada não por si mesma, mas por Cristo.

Então, a estrutura do livro busca, no primeiro capítulo, recolher as informações do xintoísmo em cinco temáticas que gerenciam uma vida religiosa: Deus, natureza humana, salvação, fim dos tempos e moral. No segundo capítulo, há uma comparação com aquilo que o cristianismo responde em relação ao que foi explorado no xinto. Para finalizar, no terceiro capítulo são analisadas as duas metodologias de missão, inculturação e contextualização crítica, e proposto uma nova prática para a igreja e sociedade no Japão. Assim buscando uma solução para o problema do cristianismo no país como um todo.

Por fim, busca-se encontrar resultados que validem as convergências entre as duas religiões, além de uma consciência do evangelho vivido na cultura japonesa independente da cultura ocidental. Além disso, uma união entre as metodologias cristãs a partir da inculturação e da contextualização

crítica, na tentativa de unir forças católicas e protestantes em uma missão mais eficaz, sendo exemplo para outras culturas que tem muito mais discordâncias sobre a fé cristã mas são convidadas a confirmar aquilo que Deus já apresentou a todas as culturas. Por último, busca como resultado final, uma comunidade diversificada e unida nos propósitos do Cristo que se manifesta na cultura nipônica.

Toda a obra tem suporte de autores que buscaram aplicar essas ferramentas no contexto do xinto e do Japão, seguido por outros preocupados em definir xintoísmo e outros exclusivamente preocupados com as ferramentas missiológicas em destaque na pesquisa. Compilando assim, pessoas que apenas se importam com o xinto, com a definição da missão e sua prática e a implementação de ferramentas sugerindo meios para a vivência do evangelho no Japão.

Se trata de uma oportunidade de observar o evangelho já revelado no outro e permitir-se ser transformado, oportunizando assim, uma mudança na visão de mundo que permite uma proposta que faz diferença no contexto japonês. O resultado é uma nova comunidade com “rosto” xinto que dialoga com os problemas e propõe contextos que curam a sociedade, assim como Cristo se propôs em curar a humanidade.